



CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS/ LIBRAS/ LÍNGUA INGESA

FABIANE SOUZA FREITAS SANTOS

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA EM *UM COPO DE*
***CÓLERA*, DE RADUAN NASSAR**

AMARGOSA-BA

2019

FABIANE SOUZA FREITAS SANTOS

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA EM *UM COPO DE*
CÓLERA, DE RADUAN NASSAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Formação de Professor (CFP), da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), como parte dos requisitos finais para obtenção do grau de licenciada do Curso Licenciatura em Letras/Libras/Língua Inglesa.

Orientadora: Prof. Dra. Ana Rita Santiago

AMARGOSA-BA

2019



Ata de Apresentação de Trabalho de Conclusão de Curso da/o Graduanda/o FABIANE SOUZA FREITAS SANTOS.

Ao décimo nono dia do mês de dezembro do ano de dois mil e dezenove, às dez horas, na sala dos modulares (NEPEL) do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, reuniram-se o/a Professor/a ANA RITA SANTIAGO, na qualidade de orientador/a e Presidente da Banca de TCC, o/a Professor/a SILVANA CARVALHO e o/a Professor/a MÔNICA GOMES DA SILVA, como membros da banca, comunidade acadêmica e convidados para apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: *A construção da identidade feminina em Um copo de côlera de Ruduan Nassar*, de autoria da/o discente FABIANE SOUZA FREITAS SANTOS, do Curso de Licenciatura em Letras/Libras/Língua Estrangeira. Após apresentação pela/o autora/o e considerações feitas pela banca, esta se reuniu e deliberou pela aprovação do trabalho, atribuindo-lhe as seguintes notas:

Nota: 6,0 (seis pontos)

Professor (a): ANA RITA SANTIAGO

Assinatura Ana Rita Santiago

Nota: _____

Professor (a): SILVANA CARVALHO

Assinatura _____

Nota: 6,0 (seis pontos)

Professor (a): MÔNICA GOMES DA SILVA

Assinatura Mônica Gomes da Silva

A/o discente FABIANE SOUZA FREITAS SANTOS foi APROVADA/O com a média 6

(seis pontos)

Amargosa/BA, 19 de dezembro de 2019

Ana Rita Santiago
ANA RITA SANTIAGO
Presidente da Banca de TCC

Dedico este trabalho à minha família que, durante todo tempo, demonstrou carinho e compreensão comigo e que lutou muito para poder agora aplaudir esta vitória.

AGRADECIMENTOS

Certamente não foi fácil caminhar até aqui, mas chegou o momento de externar minha alegria e gratidão àquelas pessoas que, direta e indiretamente, contribuíram, de forma positiva, para que eu cumprisse essa etapa.

Primeiro, agradeço a Deus pelo amor incondicional que tem pela minha vida e por ter me concedido forças em minha caminhada.

Ao meu pai, Antônio Batista, hoje de corpo ausente, mas sempre presente em minha vida. Os seus ensinamentos e o seu exemplo jamais serão esquecidos.

À minha mãe, Tânia Raimunda, que sempre foi minha maior fonte de inspiração e força que, com muito carinho, não mediu esforços, para que eu chegasse até essa etapa de minha vida. Sou grata por acreditar e apoiar meu sonho.

Ao meu padrasto, Lourival Brito e minhas tias, Alcidia Souza, in memoriam, Josenita Freitas e Rosilva Freitas, com eles, compartilho a realização deste trabalho que é um dos momentos mais importante da minha vida.

A minha avó, Laudelina Souza, cujo sorriso me faz perceber que a vida pode ser mais simples do que aparenta ser. As minhas primas, Nathana Freitas, Mara Freitas, Kelly Freitas, Regiane Freitas e Florisnéia Freitas, cada uma, ao seu modo, são a mão que ampara e colo que acolhe.

Às minhas amigas Cleide Santos, Daniela Santos e Rayana Taline, pelo coleguismo, pela parceria e cumplicidade, pelos momentos de distração e diversão, pelo carinho e pela sincera amizade. Sempre serão lembradas, porque fizeram parte dessa história.

À minha filha, Júlia, por entender as minhas ausências, por me doar o melhor abraço, o melhor beijo, o melhor carinho, por me fazer feliz nos momentos mais tristes, por me amar. Obrigada por isso, amo você!

A Irlandio Sousa, pelo incentivo e apoio de sempre, o meu muito obrigada.

À minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Ana Rita Santiago, pelas carinhosas e indispensáveis orientações e pelo estímulo. Agradeço, ainda, pela paciência e compreensão, que colaborou para que este trabalho se tornasse real. Seu sorriso e palavras, muitas vezes, amenizaram as minhas tensões. O meu muito obrigada.

A todos os professores que participaram do meu processo de formação, pelo saber partilhado, cujo sabor se dilui nas páginas deste trabalho.

Essa vitória não é só minha, é nossa! A todos, muito obrigada! Amo vocês.

SANTOS, Fabiane Souza Freitas. **A construção da identidade feminina em *Um copo de cólera*, de Raduan Nassar**. 25 f. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso, Centro de Formação de Professores, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Amargosa, 2019.

RESUMO

O estudo “A construção da identidade feminina em *Um copo de cólera*, de Raduan Nassar” discute como a sexualidade, o amor e a construção da identidade feminina são abordados na obra de Raduan Nassar, *Um copo de cólera*. Esse livro foi escrito na década de 70 e lançado, em 1978, no contexto da ditadura militar, no Brasil. Este trabalho monográfico deriva de uma pesquisa bibliográfica, que consistiu em uma investigação que evidencia o amor e a sexualidade da mulher com traços contemporâneos. Este estudo teve como objetivo geral então discutir como a sexualidade, o amor e a construção da identidade feminina são abordados na obra de Raduan Nassar, *Um copo de cólera*. A metodologia trata-se de uma pesquisa bibliográfica, com a utilização do método indutivo, para a obtenção das conclusões. O resultado é que a obra de Raduan Nassar, no contexto pós-moderno, significa afirmar que ela está inserida em um período, quando a cultura refletiu as profundas mudanças ocorridas na sociedade. Na obra, o homem despreza a inteligência dela, a identidade feminina não é de submissão, ao contrário, é uma identidade com força de desestabilizar o agressor, demonstrando ter capacidade de dominar o discurso a ponto de demonstrar que há nela a capacidade de se fazer presente em força e talento.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher; Identidade; Sexualidade; Amor.

SUMÁRIO

I SEÇÃO – INTRODUÇÃO.....	8
II SEÇÃO- O AUTOR RADUAN NASSAR: Um contador poético de histórias	17
III SEÇÃO- ANÁLISE DE <i>Um copo de cólera</i>	19
IV SEÇÃO- CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	25

I SEÇÃO – INTRODUÇÃO

O papel da mulher, historicamente, na cultura ocidental, tem sido marcado e restrito essencialmente às funções de mãe, esposa e dona de casa. Ao homem estava destinado o exercício de um trabalho remunerado fora do núcleo familiar. O poder de decisão era exclusividade masculina. Com a Revolução Industrial, no século XIX, na Europa, muitas mulheres passaram a exercer atividades fora de casa, embora recebendo valores inferiores à remuneração auferida pelos homens. Para Muraro (2005), a opressão feminina e a dominação masculina são fatos culturais. A figura da mulher, entretanto, de elemento secundário, em algumas sociedades patriarcais, passou a ser extremamente importante nas sociedades. Ela exerce, cada vez mais um papel de protagonista, embora ainda sofra com as heranças históricas do sistema social patriarcal.

No Brasil, mulheres negras, pobres e indígenas, há muito, ocupam espaços domésticos e fora do núcleo familiar para buscar a sobrevivência e a subsistência de seus familiares e filhos (as). Elas transitam entre a casa e a rua, dispensando vários turnos ao trabalho doméstico e profissional e ao cuidado dos seus entes familiares e de seus lugares de existências.

A literatura, de um modo geral, amplia e diversifica visões e interpretações sobre o mundo e a vida. Precisamos estar atentos a isso, pois a ausência da literatura em nossa vida, de certa forma, nos exclui dos acontecimentos, da interpretação e da imaginação. Nesse sentido, funciona como reflexo das relações sociais, o que em parte permite encontrar na literatura perfis de mulheres estereotipadas, mas também como protagonistas de narrativas e vozes poéticas. (BRITO, 2010).

Nessa perspectiva, este estudo teve como objetivo discutir como a sexualidade, o amor e a construção da identidade feminina são abordados na obra de Raduan Nassar, *Um copo de cólera*. Esse livro foi escrito na década de 70 e lançado, em 1978, em um contexto da ditadura militar, no Brasil. Essa foi a segunda obra do autor que, apesar de ser escrita, em uma época conflituosa, no período da ditadura militar no Brasil, de disputa de poder na sociedade e expressa,

aparentemente, algum conteúdo sobre as condições político-sociais vividas no país, apesar de controvérsias sobre a relação de amor e ódio e o autoritarismo do personagem masculino. A obra retrata, de modo singular, o jogo de poder expresso através da relação amorosa entre um casal heterossexual. (BRITO, 2010).

A ideia de realizar um estudo sobre o romance *Um copo de cólera*, de Raduan Nassar, surgiu, primeiramente, por motivação pessoal e pela leitura dessa obra que chama atenção pela figura da mulher, o amor, a libertação e a busca por sua identidade. Este estudo se pauta na intenção de ser uma contribuição para ampliar a crítica literária que procura interpretar a obra nassariana e, ainda, colaborar, de ordem prática, na formação profissional, enquanto futura docente de língua portuguesa.

A qualidade da linguagem utilizada por Nassar, nessa obra, posiciona-o na linguagem dos narradores poetas. Há no texto em prosa uma forma diferenciada de escrita, onde o lírico faz-se presente e a narrativa torna-se poética. Nesse sentido, o autor procura a compreensão do elemento feminino na obra. Busca-se também o entendimento da sociedade, algo que é possível pelo trabalho com a linguagem, elemento de essencial importância para a compreensão da humanidade, pois, através dela, pode-se reconstruir a história de uma sociedade, na qual a construção da identidade feminina na obra em destaque apresenta características semelhantes à da mulher da sociedade atual.

É em função desses aspectos que se torna relevante discutir o romance *Um copo de cólera* sob o viés da construção identitária da mulher, através da transgressão e desordem de modelos patriarcais centralizados na figura masculina. Nessa perspectiva, este trabalho monográfico analisa as relações homem/mulher em um quadro de conflitos que podemos considerar atuais, com o intuito de contribuir para a crítica dos estudos discursivos sobre a mulher. (BRITO, 2010).

A pesquisa, de que resultou este estudo, realizou-se a partir das seguintes hipóteses: Em *Um copo de cólera*, de Raduan Nassar, a sexualidade é abordada sob o viés da construção identitária da mulher através da transgressão e desordem de modelos patriarcais centralizados na figura masculina; é provável que o amor, em *Um copo de cólera*, apresente ideais contra a condição humana na sociedade contemporânea. Além disso, teve os seguintes objetivos: analisar a construção da identidade feminina em *Um copo de cólera*, de Raduan Nassar, considerando algumas características que envolvem a mulher do século XX, tais como

sexualidade, amor e paixão; Identificar a representação identitária da mulher em *Um copo de cólera*, de Raduan Nassar; Analisar aspectos da sexualidade, amor e construção da identidade em personagens femininos na pós-modernidade a partir de *Um copo de cólera*; e Verificar de que forma a construção da identidade feminina se entrelaça aos aspectos da sexualidade, estabelecendo uma comparação entre a obra e a sociedade contemporânea. (BRITO, 2010).

Este trabalho monográfico deriva de uma pesquisa bibliográfica, que consistiu em uma investigação que evidencia o amor e a sexualidade da mulher com traços contemporâneos, já que a novela *Um copo de cólera* é uma narrativa em que um homem e uma mulher se enfrentam em tensão polarizada e articulada pelo discurso. É um texto que encena um diálogo complexo, em voltagem dramática, sobre a existência humana no mundo e por inovações tecnológicas, decorrentes da nova paisagem social. Para tanto, fez-se necessário o apoio teórico, dentre outros, de “Amor Líquido”, de Zygmunt Bauman (2004), e “Identidade cultural na pós-modernidade”, de Stuart Hall (2003).

Partindo da atual discussão sobre o pós-moderno, como um pensamento que atinge o campo não apenas das artes em geral, mas também o da história e da sociologia, refletindo, ainda, na teoria e prática, sobre a política do mundo contemporâneo, entendemos que o debate sobre os valores da modernidade não pode, de forma alguma, deixar de influenciar a literatura.

O conceito pós-modernidade tem atraído um grande número de pesquisadores que se posicionam das mais variadas formas a seu respeito, o que tem provocado, ao longo da discussão, muita polêmica e diversas reações. Para Perry Anderson (1999), a idéia de um “pós-modernismo” teria surgido, pela primeira vez, na década de 1930, no mundo hispânico, uma geração antes do seu aparecimento na Inglaterra ou nos Estados Unidos. Então, Frederico de Onís teria empregado o termo pós-modernidade para descrever um refluxo conservador dentro do próprio modernismo. A ideia de um estilo “pós-moderno” entrou para o vocabulário da crítica hispanófila, mas não teve maior ressonância, até vinte anos depois da Segunda Guerra Mundial. (BRITO, 2010).

Stabile explica: “Sejam bem-vindos ao pós-modernismo: ao mundo do espetáculo da mídia, do sumiço da realidade, do fim da história, da morte do marxismo e de um grande número de outras alegações deste milênio” (STABILE, 1999, p. 146). Para ele “a sociedade aproximou-se da beira do mundo agora

nivelado, alegam os pós-modernistas, e a única coisa que conseguimos saber com certeza é que não podemos compreender o que nos levou para lá ou o que existe abaixo de nós, no abismo” (STABILE, 1999, p. 146).

As relações entre a modernidade e a pós-modernidade são ambíguas. O individualismo atual, por exemplo, nasceu com a modernidade, mas o seu exagero narcisista é um acréscimo pós-moderno. O homem de antes, produto da civilização industrial, mobilizava as massas para as amplas lutas políticas; o homem de agora, presente na sociedade pós-industrial, dedica-se às minorias – sexuais, raciais, culturais – e, por isso mesmo, atua apenas no microcosmos do cotidiano (THOMÉ, 2018). Observa-se que a contemporaneidade é um conceito complexo, como demonstrado na obra “O que é o contemporâneo?”, do professor Giorgio Agamben, que afirma que há uma capacidade individual de cada pessoa em se fazer contemporâneo ao seu tempo, assim como autores do passado que trazem assuntos atuais dentro dessa seara.

A obra de Raduan Nassar permite que se faça uma análise da sociedade contemporânea, pois a obra literária serve como instrumento de compreensão da sociedade. Assim, tomando a forma de relacionamento desta narrativa, percebe-se que a atual sociedade está marcada pelo esfacelamento das relações humanas. A novela de Raduan Nassar passa por temas que vão além do irracionalismo emocional e afetivo. O narrador investe contra a condição humana. O narrador de *Um copo de cólera* está envolvido no embate de uma relação amorosa e na crise maior do indivíduo frente ao mundo.

Na contemporaneidade, apesar de o amor permear a escolha da pessoa amada, o relacionamento desvinculou-se do ideal romântico, de uma união assentada nos preceitos cristãos, onde o que Deus uniu o homem jamais separa, a não ser pela morte, para assumir uma nova configuração condizente com a sociedade pós-moderna, consumista e de relações descartáveis. A felicidade do homem moderno, segundo Bauman (2004), está na possibilidade de encontrar, além de algo atraente aos olhos, alguém que seja um pacote de qualidades que possibilitem satisfação garantida e sem esforço.

Ao apresentar a teoria do amor, Fromm (2000) pontua que a busca incessante pelo amor representa uma resposta para o problema da existência humana. O homem, ao separar-se da natureza, tomou consciência de sua solidão e de seu estado de separação. Por isso, ele precisa unir-se a outro ser humano para

suportar viver. O amor surge, então, como solução ao desamparo e ansiedade do homem. Para ele, [...] “A consciência da separação humana, sem reunião por meio do amor, é a fonte da vergonha. Ela é ao mesmo tempo a fonte da culpa e da ansiedade.” (FROMM, 2000, p. 12).

O que se observa na novela de Nassar, *Um copo de cólera*, é uma construção identitária da mulher, a qual é permeada por dúvidas, incertezas, silenciamento, explosão discursiva, mas, principalmente, pela descoberta de seu corpo, sua sexualidade e prazer sexual até então elementos negados a mulher. Ao descobrir seu corpo, a mulher descobre a fonte de seu poder e esse é elemento norteador da análise feita nas narrativas de Nassar. Tais transformações têm nos relacionamentos o ponto central de todas as mudanças que ocorrem com o sujeito, pois, na sociedade contemporânea, a sexualidade tem sido descoberta e propícia ao desenvolvimento de estilos de vida bastante variados, segundo Brito (2010).

Segundo Giddens, “[...] A sexualidade funciona como um aspecto maleável do eu, um ponto de conexão primário entre o corpo, a autoidentidade e as normas sociais” (GIDDENS, 1993, p. 25). Assim, deve a sexualidade ser compreendida como parte integrante e fundamental da consciência humana, dentro da sua individualidade e dentro da coletividade, onde há uma conexão entre o que a sociedade considera aceitável e a forma de se portar no seio social. (BRITO, 2010).

Ao eleger o gênero feminino como foco da narrativa, busca-se, na obra escolhida, caminhos não trilhados e novos olhares sobre os já percorridos. Analisa-se como ocorre o processo de emancipação da mulher e como ela é representada enquanto sujeito de suas próprias ações e quais as consequências de tal posicionamento na sociedade. Essa escolha não invalida a apreensão da obra em sua totalidade, mas o que se propõe é investigar o lugar do sujeito feminino em sua narrativa e como a mulher constrói sua identidade. Parte-se da idéia de que o processo de individualização da mulher deu-se a partir do momento em que ela tomou consciência de si enquanto sujeito de identidade própria, principalmente pelo conhecimento dos limites do seu corpo. Esse conhecimento deu poder para que a mulher pudesse agir com autonomia sobre seu destino, desestabilizando todo um ideário patriarcal de submissão feminina. Portanto, é sob o signo da ruptura que a referida novela de Raduan Nassar é analisada, sinalizando uma quebra de paradigmas do comportamento feminino, os quais, por muitos séculos, serviram de

instrumento de cárcere privado, impossibilitando à mulher a tomada do discurso (BRITO, 2010).

Em consonância com Bauman (2004), amar requer conhecimento e esforço e as pessoas não querem mais esforçar-se para manter um relacionamento, pois, vivendo numa sociedade de consumo, o que mais importa a elas é o prazer imediato. Busca-se “[...] o produto pronto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea” (BAUMAN, 2004, p. 21). Enfim, as pessoas querem um relacionamento que não exija esforço prolongado, algo que já tenha garantia de seguro total. No entanto, não há segurança quando o assunto é relacionamento. E, numa união amorosa, um é sempre a grande incógnita do outro. Essa premissa de Bauman é percebida, com muita clareza na obra e no filme homônimo, o olhar distanciado, o silenciamento do homem, a tentativa desesperada da mulher de aproximar do amante, enfim, na narrativa, pouco se sabe dos sentimentos do casal, já que eles fazem daquele encontro uma performance teatral. Eles representavam o amor que deveras sentia um pelo outro, mas que já não cabia mais nas suas vidas. Ao fazer uma análise da história do amor no ocidente, Giddens (1993) e Fromm (2000) pontuam que a união marital sofreu profundas transformações na história e que, no atual contexto de sociedade, o amor assenta-se sobre novos paradigmas. (BRITO, 2010).

Conforme Brito (2010), na Era Vitoriana, assim como em muitas culturas tradicionais, amar não era uma experiência espontânea que podia levar ao casamento. Ao contrário, o casamento era contraído por convenção, seja por meio das respectivas famílias seja de um casamenteiro; o casamento era decidido com base em considerações sociais e supunha-se que o amor se desenvolveria com o tempo. Com o advento do romantismo, as pessoas passaram a buscar um “amor romântico”. A liberdade de escolher a pessoa amada para casar-se modificou as antigas regras sociais reservadas ao casamento. Porém, construir novos paradigmas de identidade feminina causou e ainda causa estranhamento na sociedade. Isso explica a cólera presente no texto nassariano. Considerando as profundas mudanças ocorridas na sociedade a partir da segunda metade do século XX, principalmente, o movimento feminista, percebe-se que a representação das relações sociais na literatura aponta para uma nova paisagem social, em que homens e mulheres ficaram esvaziados de modelos comportamentais, necessitando criar novos paradigmas de atuação na sociedade (BRITO, 2010).

Em adição aos estudos identitários, coloca-se, neste estudo, também noções de pertencimento do sujeito na pós-modernidade, segundo o pensamento do sociólogo polonês Zygmunt Bauman (1998; 2001; 2004; 2005), que apresenta a modernidade sob o signo de liquidez. Bauman utiliza expressões como modernidade líquida e liquidez nos relacionamentos para caracterizar o sujeito pós-moderno. O sociólogo analisa a fragmentação da sociedade pós-moderna a partir do conceito de sólido trabalhado por Marshall Berman (1986), cuja análise se fundamenta na máxima do filósofo Karl Marx de que tudo que é sólido, desmancha no ar. Embora apresentem conceitos próprios para explicar a fragmentação do homem na sociedade moderna, ambos apontam para a impossibilidade de manutenção de relacionamentos duráveis, bem como posicionam o homem dentro de um contexto de fragmentação do sujeito, decorrente do abalo causado pela dinâmica da sociedade tecnológica (BRITO, 2010). A fragmentação do homem na sociedade contemporânea, onde está imerso em fatores volúveis, demonstra também a fragilidade das relações sociais, principalmente na figura feminina, que por vezes pode ser tratada como objeto e ser vítima de vilipêndios nos relacionamentos.

A compreensão da nova condição feminina na sociedade moderna, analisada por Judith Butler (2008), Michelle Perrot (2005; 2008) e Anthony Giddens (1991; 1993), dentre outros, tem como ponto basilar os estudos sobre a sexualidade feitos por Michel Foucault. Construída sob o signo do novo, a obra de Foucault subverteu, transformou e modificou a relação que o indivíduo tinha com o saber e a verdade. A intervenção teórico-ativa de Foucault introduziu também uma mudança nas relações de poder e saber da cultura contemporânea a partir de sua matriz ocidental na medicina, na psiquiatria, nos sistemas penais e na sexualidade.

Corpo e sexualidade são abordados nesse estudo como elementos fundamentais para a descoberta da autoidentidade feminina. Acredita-se que, ao buscar construir sua própria identidade, a mulher descobriu o poder exercido pelo corpo. Assim, ao apropriar do corpo, ela escreveu um novo capítulo na história da humanidade, rompendo com ideais e valores até então vistos como norteadores de condutas de homens e mulheres. É necessário, portanto, apreender tais mudanças para compreensão de textos literários produzidos em meio à efervescência das mudanças ocorridas no período. (BRITO, 2010).

Analisando a sociedade pós-moderna, Stuart Hall (1999) afirma haver uma “crise de identidade”, a qual foi responsável pelo desencadeamento de um abalo nos

quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. Segundo o autor, as velhas identidades que, por tanto tempo, estabilizaram a sociedade, ao entrar em declínio desencadeou um processo de surgimento de novas identidades, fragmentando o indivíduo moderno. Como consequência, fragmentou também as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade – aquelas que no passado tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. No entanto, a busca de uma nova identidade em tempos de modernidade líquida não é tarefa simples. Para Zygmunt Bauman (2005), é como tentar alcançar o inatingível, pois o indivíduo está flutuante, livre de qualquer posição estática concebida pela sociedade tradicional. Neste sentido, modernidade representa ruptura com o tradicional (BRITO, 2010). Em seu livro *O mal-estar na pós-modernidade*, Bauman (1998) afirma: Pode-se definir a modernidade como a época, ou o estilo de vida, em que a colocação da ordem depende do desmantelamento da ordem “tradicional”, herdada e recebida; em que “ser” significa um novo começo permanente (BAUMAN, 1998, p. 20). Ele compreende que o estilo de vida fluido pode ter existido em todas as épocas, onde modifica-se a trajetória das relações humanas como volúveis e de fácil fragmentação.

O romance de Raduan, de acordo com Gimenes (2008), mostra uma cultura de si, narcísica, em que o personagem está sempre querendo exaltar suas qualidades, escondendo suas limitações emocionais e sexuais. Durante todo o enredo, é ele que é o macho, viril, inteligente, encantador; “[...] não que ela não fosse inteligente, sem dúvida que era, mas não o bastante, só o suficiente” (NASSAR, 1992). Essa tentativa de invalidar, apagar a mulher, parece ser mais uma tentativa de esconder suas fragilidades, não querer enxergar que essa mulher não é mais submissa, mas uma mulher independente da figura masculina, que busca maior autonomia nas suas escolhas, que não se restringe à esfera privada e que alcança a esfera pública com maior altivez e sem precisar da sua ajuda.

Toda essa discussão em torno da construção da personagem feminina na obra de Nassar faz referência à realidade que é construída nos aportes da cultura. Essa leitura proporciona questionar as valiosas considerações sobre gênero e sexualidade, justamente porque o tensionamento das relações homem e mulher corroboram rever a posição em que a mulher é vista, ou seja, ser a mulher, na ótica do homem, ainda tem as pretensões de se objetificar pelo e no prazer. (BRITO, 2010).

A obra de Raduan Nassar, no contexto pós-moderno, significa afirmar que ela está inserida em um período quando a cultura refletiu as profundas mudanças ocorridas na sociedade. Tais mudanças subverteram todo um ideário de visão de mundo até então assentado na sociedade como regime de verdade (BRITO, 2010).

Diante do exposto, este trabalho monográfico está assim organizado: na segunda seção, “O AUTOR RADUAN NASSAR: Um contador poético de histórias”, trata do autor e sua obra. Há a apresentação de dados biográficos e da produção literária do autor. Já na terceira seção, “Análise de *Um copo de cólera* há considerações sobre recorrências de constructos de identidade feminina e da relação amorosa da narrativa. Por fim, há reiteraões sobre a relevância da obra, no tocante à construção de identidade e às relações afetivas.

II

SEÇÃO

O AUTOR RADUAN NASSAR: Um contador poético de histórias

Raduan Nassar é um escritor brasileiro que nasceu em 1935 em São Paulo, sendo filho de imigrantes libaneses, sendo também fazendeiro.

Conforme a Barsa (2010), Raduan, antes de se retirar para criar aves na Fazenda Lagoa do Sino, acabou por escrever 2 livros que obtiveram reconhecimento nacional e internacional e acabaram por ser traduzidos em várias línguas: *Lavoura Arcaica* (1975) e *Um Copo de Cólera* (1978), sendo que *Lavoura Arcaica* recebeu em 1976 o prêmio Coelho Neto de melhor romance, atribuído pela Academia Brasileira de Letras. Tanto *Lavoura Arcaica*, quanto *Um Copo de Cólera* foram adaptados para o cinema. Em 1996, foi publicada a coletânea *Menina o Caminho e Outros Textos*, com textos dos anos 1960, vencedora de Jabuti em 1998.

Conforme Encarta (2002), Raduan Nassar se formou em Filosofia na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP). Um pouco homem do campo, muito de intelectual, um literato visceral que nega o valor da literatura, Raduan Nassar é considerado um dos melhores escritores brasileiros contemporâneos. Foge da imprensa e de círculos de escritores por não acreditar que os livros tenham a capacidade de modificar o mundo. Ao menos, diz ele, "não de maneira imediata e visível". Em 1975, publicou *Lavoura arcaica*, obra que lhe deu o prêmio Coelho Neto de 1976, concedido pela Academia Brasileira de Letras. Pela mesma obra, recebeu o prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro e menção honrosa da Associação Paulista de Críticos de Arte (Encarta, 2002).

Em 1998, Luís Fernando Carvalho dirigiu *Lavoura arcaica*, com locações no Oriente Médio. De origem sírio-libanesa, Nassar evoca, liricamente, temas da cultura oriental em um ambiente brasileiro. Exigente quanto a expressão formal, é zeloso com a qualidade estética de sua narrativa. Sua originalidade reside na opção por um engajamento político contra os abusos do poder e a favor da liberdade individual. Mas seu engajamento é, exclusivamente, literário. Publicou, em 1997, o volume de contos *Menina a caminho*. Em *Lavoura arcaica* e *Um copo de cólera*, os textos se

constroem em torno da recusa à obediência, onde a submissão das personagens secundárias não existe, tendo elas voz e vez e demonstrando desobediência às ordens injustas.

Lavoura Arcaica, segundo o Encarta (2002), sacraliza o herético e profana mitos da religiosidade cristã. Tem a marca de narrativa moderna e pós-moderna - tradição e inovação em dosagem equilibrada. Apresenta fusão da oralidade popular com a tradição acadêmica da língua escrita.

Em *Um copo de cólera* destacam-se os elementos de tensão, na mescla de linguagem erudita e popular, repleta de gírias. Em 1999, estreou-se a versão cinematográfica de *Um copo de cólera*, dirigida por Aluizio Abranches, com Alexandre Borges e Júlia Lemmertz nos papéis principais. Nos seus livros lutam lei e desejo, autoridade e liberdade, ordem e dissolução. Os elementos da composição instauram um tempo diferente, subvertido, capaz de suspender o fio linear da história. Os personagens vêm de casa, transitam e voltam à casa, evidenciando uma obsessão pela origem, uma recorrência a imagens que remetem à figura emblemática do círculo.

O crítico e professor Alfredo Bosi (2010) apontou-o como um marco de nossa prosa, principalmente pelo uso da linguagem que, enquanto organiza a narrativa, desorganiza verdades e tradições. Para Barsa (2010), *Lavoura Arcaica* é um clássico da literatura brasileira contemporânea, inspirado na história bíblica do filho pródigo, é narrado em primeira pessoa pelo protagonista André, que volta ao seio de uma família atormentada pelo passado e conduzida por um pai autoritário. A obra, reconhecida pela sua inventividade estilística e pela habilidosa combinação de lirismo e escrita econômica, foi levada às telas em 2003 pelo cineasta Luiz Fernando Carvalho.

Já *Um copo de cólera*, conforme a Barsa (2010), narra o que acontece quando subitamente a aparente harmonia de um casal se desfaz. Denso e tenso, é tido como um clássico da literatura contemporânea. Em 1999, foi às telas dirigido por Aluísio Abranches e estrelado por Alexandre Borges e Júlia Lemmertz.

Demonstra-se que as obras do autor se constroem em torno da recusa à obediência, o baluarte do renascimento da democracia, pois foram escritas em períodos ditatoriais, o que sinaliza a rebeldia do autor reafirma a sua importância para com a literatura nacional, em especial dos tempos difíceis ocorridos na época.

III

SEÇÃO

ANÁLISE DE *Um copo de cólera*

Um copo de Cólera, de Raduan Nassar, é um clássico desde sua publicação no final dos anos 1970 no Brasil, mas não foi publicado em inglês até o ano passado. Desde a primeira obra já é evidente por que Nassar alcançou tal renome, apesar de publicar apenas dois romances antes de se retirar da vida pública: sua prosa se move com violência, vitalidade e energia sexual que queima como um pouco de ácido. Com apenas 45 páginas, ele mal atende às expectativas de "romance", mas a experiência e a recompensa de lê-lo são iguais às de uma ficção muito mais longa.

Construído com sete capítulos de uma frase e ancorado por uma peça central vitriólica e brutal, Um Copo de Cólera é um livro para ser lido no espaço de uma única seção - mesmo que sua densidade conspire contra isso. (COLINS, 2016). O romance se passa em uma fazenda em algum lugar do interior do Brasil nos últimos anos da ditadura militar que governava o país desde o início dos anos 60. Seus personagens principais - um fazendeiro de meia-idade e seu jovem amante, jornalista idealista - permanecem sem nome, exceto pelos comentários que eles usam um para o outro. Mas não há essa menção no início do romance. A chegada do jornalista na fazenda do narrador ocupa pouco espaço na página, levando-nos imediatamente a uma cena elétrica do quarto:

[...] eu, fechando minha mão na sua, arrumava-lhe os dedos, imprimindo-lhes coragem, conduzindo-os sob meu comando aos cabelos do meu peito, até que eles, a exemplo dos meus próprios dedos debaixo do lençol, desenvolvessem por si sós uma primorosa atividade clandestina, ou então, em etapa adiantada, depois de criteriosamente vasculhados nossos pelos, caroços e tantos cheiros, quando os dois de joelhos medíamos o caminho mais prolongado de um único beijo, nossas mãos em palma se colando, os braços se abrindo num exercício quase cristão (NASSAR, 1992, p 15).

O narrador assume o papel de padre, realizando uma cerimônia sobre o corpo da jornalista. Ele descreve o ato como um "ritual" e esse encontro é o mais próximo que o romance chega do cristianismo - e, no entanto, é um cristianismo sem crença. O sexo fornece a única fuga verdadeira possível para os personagens de Nassar, de suas vidas, sociedade e entre si, e eles parecem repetir o padrão repetidas vezes, mesmo que essa seja a única cena de sexo "real" do romance. Mas se *Um copo de cólera* se preocupa com o desejo, ele também se preocupa, se não mais, com a raiva. Nisso se justifica a expressão Cólera! Depois de um café da manhã, o narrador se afasta para a varanda para pegar um cigarro e vê uma brecha em sua cerca, o trabalho das formigas (COLINS, 2016):

[...] um rombo na minha cerca viva, ai de mim, amasso e queimo o dedo no cinzeiro, ela não entendendo me perguntou "o que foi?", mas eu sem responder me joguei aos tropeções escada abaixo (o Bingo, já no pátio, me aguardava eletrizado), e ela atrás de mim quase gritando "mas o que foi?", e a dona Mariana corrida da cozinha pelo estardalhaço, esbugalhando as lentes grossas, embatucando no alto da escada, pano e panela nas mãos, mas eu nem via nada, deixei as duas pra trás e desabalei feito louco, e assim que cheguei perto não aguentei "malditas saúvas filhas da puta", e pondo mais força tornei a gritar "filhas da puta, filhas da puta", vendo uns bons palmos de cerca drasticamente rapelados, vendo uns bons palmos de chão forrados de pequenas folhas, é preciso ter sangue de chacareiro pra saber o que é isso, eu estava uma vara vendo o estrago, eu estava puto com aquele rombo, e só pensando que o ligustro não devia ser assim essa papa-fina, tanta trabalhadeira pra que as saúvas metessem vira e mexe a fuça, e foi numa rajada que me lancei armado no terreno ao lado, campeando logo a pista que me conduzisse ao formigueiro, seguindo a trilha camuflada ao pé do capim alto, eu que haveria àquela hora de surpreendê-las enfurnadas, tão ativas noite afora com o corte e com a coleta, e tremendo, e espumando, eu sem demora descubro, e de balde já na mão deito uma dose dupla de veneno em cada olheiro,

[...]

quando notei que ela e a dona Mariana, nessa altura, estavam de conversinha ali no pátio que fica entre a casa e o gramado, a bundinha dela recostada no para-lama do carro, a claridade do dia lhe devolvendo com rapidez a desenvoltura de femeazinha emancipada, o vestido duma simplicidade seleta, a bolsa pendurada no ombro caindo até as ancas, um cigarro entre os dedos, e tagarelando tão democraticamente com gente do povo, que era por sinal uma das suas ornamentações prediletas, justamente ela que nunca dava o ar da sua graça nas áreas de serviço lá da casa, se fazendo atender por mim fosse na cama ou pela caseira no terraço,

[...]

me aguardava também c'um arzinho sensacional que era de esbofeteá-la assim de cara, e como se isso não bastasse ela ainda por cima foi me dizendo "não é pra tanto, mocinho que usa a razão" (NASSAR, 1992, p. 30).

A partir do momento em que as formigas destroem todo aquele conceito de perfeição que existiu entre as personagens. Observa-se o verdadeiro eu do sujeito machista ao qual existe há dentro daquele falso poeta que demonstrou apenas o

que queria exaltar e que se transforma a partir do momento que a perfeição a natureza da sua casa acaba e com ela a sua paz e tranquilidade. De repente, os capítulos lentos e dolorosos de abertura dão lugar a uma explosão de tensões. Esse efeito surge não apenas da estrutura do romance como uma frase contínua, mas da atividade que Nassar transmite, conforme os personagens correm, tropeçam, seguem, arremessam e gritam de uma página para a outra, tudo sem um único ponto final. A moção é feita quando o narrador passa por sua amante e Dona, a empregada, enquanto profere uma corrente de obscenidades. Essas imprecações são críticas para o diálogo do capítulo, mas também do romance, e não demora muito para o protagonista redirecioná-las das formigas para a jovem jornalista. Ele se enfurece com ela como "uma garota emancipada", "uma pequena jornalista de merda", uma "cadela", uma "prostituta", uma "fraude". Ela responde de volta, rasgando-o como um "garotinho", um "desajeitado" iconoclasta, um "velho fascista, um degenerado. (COLINS, 2016).

Essa força feminina que demonstra a sua capacidade de responder e não ser submissa ao homem é a construção da identidade feminina na obra de Nassar, pois a submissão está caracterizada justamente pela obediência passiva, fato ocorrido com as mulheres ao longo de décadas conservadoras e machistas. “você não é gente’ ela disse saindo do seu torpor ‘você não é gente’ ‘fora! fora! você também vai se estrear!’ ‘você não é gente, você é um monstro!’ ‘suma! suma de vez da minha vida!’ (NASSAR, 1992, p. 70). Do ponto de vista da sexualidade, observa-se que a intervenção teórico-ativa de Foucault, para a qual corpo e sexualidade são abordados como elementos fundamentais para a descoberta da auto-identidade feminina. Na narrativa, a mulher também é sujeito ativo da relação sexual, não sendo apenas objeto de prazer masculino mas como sujeita, destinada a tecer e satisfazer seus próprios desejos.

“não conheci ninguém que trabalhasse como você, você é sem dúvida o melhor artesão do meu corpo”, por isso continuei modelando a lascívia em sua boca, e logo depois desci a mão no gesso quente do pescoço, e não demorou seus poros de ventosa me engoliam gulosamente os dedos, e foi com a boca imunda que eu disse num vento súbito “estou descalço” e vi então que um virulento desespero tomava conta dela, mas eu sem pressa fui dizendo “estou sem meias e sem sapatos, meus pés como sempre estão limpos e úmidos” e eu de repente ouvi dos seus olhos um alucinado grito de socorro “larga logo em cima de mim todos os teus demônios, é só com eles que eu alcanço o gozo” (NASSAR, 1992, p. 60).

Na obra, o homem também despreza a inteligência dela: “se bem que ela não fosse lá versada em coisas de botânica, menos ainda na geometria das coníferas, e o pouco que atrevia sobre plantas só tivesse aprendido comigo e mais ninguém” (NASSAR, 1992, p. 20.). Porém, é visível que ela possui talento e se impõe:

[...] eu devia cumprimentar a pilantra, não tinha o seu talento, não chegava a isso meu cinismo, fingir indiferença assim perto duma fogueira, dar gargalhadas à beira do sacrifício, e tinha de reconhecer a eficiência do arremedo, um ligeiro branco me varreu um instante a cabeça, senti as pernas de repente amputadas, caí numa total imobilidade [...] (NASSAR, p. 31).

Nesse trecho, é nítido que a identidade feminina não é de submissão, ao contrário, é uma identidade com força de desestabilizar o agressor, demonstrando ter capacidade de dominar o discurso a ponto de demonstrar que há nela a capacidade de se fazer presente em força e talento. “Essa personagem feminina emancipada, em ‘O Esporro’, representa a possibilidade de resistência, de luta contra um sistema pré-estabelecido” (DERROSO JÚNIOR, 2011, p. 61).

Há uma semelhança entre a ditadura militar brasileira e a figura autoritária do homem, sendo a mulher representante da possibilidade de voz de liberdade que estaria por vir com a democracia. O livro é escrito no período ditatorial e a imagem da mulher pode significar a democracia que, apesar de frágil, consegue surpreender, em que o homem acaba por sentir “as pernas de repente amputadas, caí numa total imobilidade”

Importante é que a Ditadura Militar Brasileira acabou através da promulgação da Constituição brasileira de 1988, que garante isonomia entre homens e mulheres no que se refere à direitos e obrigações, o que demonstra o olhar avançado de Nassar, que estava para além do seu tempo. A visão de Nassar é uma visão constitucionalista, prevendo o futuro da Constituição de 1988, onde a economia não é apenas formal (prevista em lei), mas também material (dentro dos ditames sociais). A Constituição de 1988 é o oposto da ditadura militar, o que demonstra que o texto de Nassar é uma prévia do que viria a melhorar no país após a ditadura...

Ela é uma personagem que vem representar os questionamentos sociais que se instauraram a partir do século passado, porque a propagação dos estudos de gênero, principalmente a partir da década de 80, permitiu que as representações simbólicas de mulheres e homens passassem a ser questionadas, assim, reflexões e sentimentos particulares a esse respeito,

passaram a existir no campo da coletividade. (DERROSO JÚNIOR, 2011, p. 61).

A luta das mulheres por direitos iguais aos homens faz o próprio personagem masculino fazer uma piada com esse fato ao longo do texto, demonstrando que o objetivo da mulher é de fato se igualar ao homem em direitos.

[...] você me faz pensar no homem que se veste de mulher no carnaval: o sujeito usa enormes conchas de borracha à guisa dos seios, desenha duas rodela de carmim nas faces, riscos pesados de carvão no lugar das pestanas, avoluma ainda com almofadas as bochechas das nádegas, e sai depois por aí com requebros de cadeira que fazem inveja à mais versátil das cabrochas; com traços tão fortes, o cara consegue ser – embora se traia nos pêlos das pernas e nos pêlos dos peito – mais mulher que mulher de verdade... (NASSAR 1992, p. 50)

O personagem faz críticas à tentativa da mulher de se impor, “[...] a femeazinha que ela era, a mesma igual à maioria, que me queria como filho, mas (emancipada) me queria muito mais como seu macho” (NASSAR, 1992, p. 60). Por fim, ela age como mãe, protegendo-o de tudo, onde, ao lado dela, ele estará seguro: “[...] fui tomada de repente por uma virulenta vertigem de ternura, tão súbita e insuspeitada, que eu mal continha o ímpeto de me abrir inteira e prematura pra receber de volta aquele enorme feto”. (NASSAR, 1992, p. 80). Neste trecho demonstra-se que a figura da mulher é de protagonismo afetivo, o que faz dela algo essencial na vida do personagem masculino, demonstrando a importância na figura central da mulher no seio familiar.

Na obra, a mulher é demonstrada com força e talento, capaz de se igualar e de se tornar importante na relação do casal, excluindo a supremacia do homem imposta pelo machismo. A igualdade entre ambos, com mesma capacidade de argumentação e diálogo é ponto central deste trabalho, que conclui pela força feminina na obra de Nassar, capaz de se igualar no debate, impor suas ideias e torna-se necessária para ele.

IV SEÇÃO

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra de Nassar foi escrita na época da ditadura militar e é habitada de críticas ao conservadorismo e a submissão da mulher para com o homem. Nassar estava muito além do seu tempo, num olhar muito mais visionário, onde coloca a mulher com protagonismo e não com submissão, onde considerou que os homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações. A luta das mulheres por direitos iguais aos homens faz o próprio personagem masculino fazer piada com esse fato ao longo do texto, demonstrando que o objetivo da mulher é de fato se igualar em direitos.

Em 1978, 10 anos antes, ano em que a obra de Nassar foi publicada, não existia normatização igualitária entre homens e mulheres, principalmente no período da Ditadura Militar. Assim, é na literatura que encontramos a ideia de que a mulher pode ser igual ao homem em direitos. Nassar aborda essa temática, apesar do homem desprezar a inteligência da mulher. A identidade feminina não é de submissão, ao contrário, é uma identidade com força de desestabilizar o homem demonstrando ter capacidade de dominar o discurso, a ponto de demonstrar que há nela a capacidade de se fazer presente em força e talento. Este estudo teve como objetivo geral então discutir como a sexualidade, o amor e a construção da identidade feminina são abordados na obra de Raduan Nassar, *Um copo de cólera* e tudo isso foi feito com a demonstração da figura feminina na obra, que reforça a luta das mulheres por direitos iguais e é demonstrada na obra de Nassar, onde a construção da imagem feminina é de força e garra e é importante que ela seja abordada como marco histórico e de luta feminista na literatura brasileira, o torna essa obra um marco no feminismo na literatura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Trad Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- BRITO, Dislene Cardoso de. **Transgressão e (des)ordem em Lavoura Arcaica e um copo de cólera: a construção identitária da mulher nas narrativas de Raduan Nassar**. 2010. Universidade Federal da Bahia.
- BARSA, **Enciclopédia**. 2010.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.
- COLIN, C. **Comentários a um Copo de Cólera**. 2016.
- COSTA, N. N. **Constituição Federal anotada e explicada**. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2012.
- CRUZ, V. **Constituição federal anotada**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ferreira, 2017.
- DERROSO JÚNIOR, Irineu. **Um Copo de cólera**. Análise. Curitiba, 2011.
- ENCARTA, **Encyclopedia Encarta**. Microsoft Corporation. 2002
- GIDDENS, Anthony. **A Transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 4. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- LIMA, Joaes Cabral. **A fragilidade dos relacionamentos contemporâneos**. 2018.
- MACHADO, C. **Constituição Federal interpretada: artigo por artigo. Parágrafo por parágrafo**. 9. ed. Barueri, SP: Manole, 2018.
- NASSAR, Raduan. **Um copo de Cólera**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- ROCHA, Marijara. **As gotas que transbordam do copo**. 2016.
- THOMÉ, Nilson. **Considerações sobre Modernidade, Pós-modernidade e Globalização nos fundamentos históricos da educação no Contestado**. 2018